



**“Questão Social, Pandemia e Serviço Social:  
em defesa da vida e de uma educação emancipadora”**

**Eixo temático:** Trabalho, Questão Social e Serviço Social  
**Sub-eixo:** Trabalho, questão social e serviço social - fundamentos

**TRABALHO, ASSALARIAMENTO E MAIS-VALIA:** elementos para a compreensão  
das relações sociais capitalistas

DANIELA LEONEL DE PAULA MENDES <sup>1</sup>

**RESUMO:** Este texto apresenta as categorias trabalho, assalariamento e mais-valia de Karl Marx com o objetivo de elucidar as relações sociais de produção e reprodução capitalistas. Procura-se evidenciar a atualidade da teoria do valor-trabalho para as análises contemporâneas sobre as relações sociais capitalistas. Trata-se de um ensaio teórico de levantamento bibliográfico sobre o tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho, Capitalismo, Karl Marx, Relações Sociais.

**ABSTRACT:** This text presents the categories of work, salary and surplus value by Karl Marx in order to elucidate the social relations of capitalist production and reproduction. It seeks to highlight the relevance of the

---

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal De Juiz De Fora

labor theory of value for contemporary analyzes of capitalist social relations. It is a theoretical essay of bibliographic survey on the subject.

KEYWORDS: Work, Capitalism, Karl Marx, Social Relationships.

## **I) INTRODUÇÃO**

Abordaremos neste texto as relações entre trabalho e mais-valia na sociedade do capital, buscando elucidar as contribuições de Karl Marx e sua teoria crítica acerca do funcionamento da sociabilidade capitalista. Nosso foco é o debate sobre a teoria do valor-trabalho, a qual nos parece fundamental para a compreensão sobre os atuais processos sociais capitalistas.

Partimos do pressuposto de que o trabalho, enquanto categoria, possui centralidade no capitalismo. Uma centralidade dialética, conforme o próprio Marx nos ensinou, já que ao mesmo tempo em que o trabalho é uma mediação fundamental para as relações humanas, para realização e crescimento humano, ele significa, também, o sacrifício e expropriação humana nesta sociedade, que tem

como mola propulsora a exploração intensa do trabalho com apropriação privada e restrita de seus frutos. Disso advém a contradição fundamental do sistema, calcada na luta de classes.

O trabalho no modo de produção capitalista tem características particulares, as quais revelam as leis fundamentais desse sistema, por isso a necessidade de sua compreensão e crítica para o entendimento das relações sociais (desiguais), base para a acumulação e reprodução do capital.

Para qualquer análise de conjuntura como, por exemplo, a época contemporânea pandêmica, julgamos ser imprescindível a reflexão sobre o trabalho e a expropriação de mais-valia ('mais-trabalho'), o que gera o enriquecimento capitalista às custas do empobrecimento da classe trabalhadora e consolida processos sociais extremamente desiguais. Destarte, nosso objetivo é fornecer elementos analíticos teóricos mais gerais, assim, não abordaremos o contexto atual. A construção textual se constitui num ensaio teórico fruto de levantamento bibliográfico sobre o tema e está organizada nesta introdução e no próximo item, seguido da conclusão.

## **II) TRABALHO, ASSALARIAMENTO E MAIS-VALIA: ELEMENTOS PARA A COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS CAPITALISTAS**

O modo de produção capitalista, vigente desde o século XVI, se perpetua até os dias atuais, obviamente passando por transformações que imprimem características muito distintas nos tempos históricos. A lei geral da acumulação capitalista (Marx, 1994) tem como cerne o elemento do trabalho<sup>2</sup>, justamente por basear-se na relação entre trabalho pago e não pago como meio de atingir seu objetivo continuamente perseguido: o de criação incessante de mais-valia<sup>3</sup>, fonte de

---

2 Os estudos no âmbito da teoria social crítica sobre o trabalho e suas particularidades nos séculos XIX, XX e XXI são diversos e heterogêneos. Certamente, os escritos de Marx não são suficientes, embora indispensáveis, para o devido entendimento sobre o trabalho nos dias atuais, com todas as suas determinações e variações. Todavia, ainda que sob novas determinações, a nosso ver, permanece a centralidade dessa categoria para compreensão e explicação das relações sociais capitalistas, e nisso Marx é basilar.

3 A mais-valia é justamente o excedente de valor produzido pelo trabalhador, um valor além daquele produzido para pagar

sua riqueza. As consequências disso para os diferentes sujeitos sociais – capitalista e trabalhador – são bem heterogêneas e desiguais.

Ao estudarmos qualquer aspecto do capitalismo devemos partir da compreensão embrionária da forma mercadoria como forma elementar da sociedade especificamente capitalista. A mercadoria constitui uma relação social, uma forma de sociabilidade, um intercâmbio entre pessoas e deve ser entendida em sua forma qualitativa e quantitativa, ressaltando-se seu objetivo de satisfazer necessidades “do estômago e da fantasia”, além de refletir trabalho humano acumulado. Ela é formada, sempre, pelo valor de uso e valor e só se realiza no consumo (MARX, 2017a, p.57).

A substância social comum a todas as mercadorias é o trabalho, sendo sua medida o tempo de trabalho socialmente necessário à produção, ou melhor, o trabalho social médio. A grandeza (valor<sup>4</sup>) da mercadoria depende da quantidade de trabalho necessária para sua produção - numa dada situação social, sob condições sociais médias de produção, determinada intensidade social média e destreza média do trabalho (MARX, 1982).

Uma importante observação sobre o valor da mercadoria<sup>5</sup> é sua determinação pela quantidade total de tempo de trabalho nela contida: uma parte dessa quantidade de tempo de trabalho representa um valor pelo qual foi pago um equivalente em salário ao trabalhador e a outra parte representa um valor pelo qual nenhum equivalente foi pago. Portanto, a venda da mercadoria pelo seu valor já inclui a realização da mais-valia, o tempo de trabalho não pago ao trabalhador, a substância do lucro (MARX, 1982).

A compreensão da categoria trabalho na perspectiva marxiana requer a diferenciação de duas dimensões: o trabalho concreto e o trabalho abstrato. O trabalho abstrato (aquele que produz valor) se revela pelo trabalho concreto (aquele

---

seu salário, ou seja, a mais-valia é trabalho não pago apropriado pelo empregador da força de trabalho (capitalista).

4 O valor é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário que se objetivou numa dada mercadoria ou produto. É energia humana coagulada na mercadoria, é trabalho indiferenciado – ou resíduo comum presente em todas as mercadorias quando se retira seu valor de uso, sua utilidade particular (MARX, 2004a).

5 A parte do valor da mercadoria referente ao capital constante (meios de produção e matéria-prima) apenas repõe o capital adiantado, não gera rendimento. A parte do valor da mercadoria referente ao capital variável (força de trabalho) gera mais-valia, portanto, vai muito além de repor o capital adiantado na forma de salário.

que produz valor de uso), mas são expressões do mesmo processo – processo de produção capitalista. O valor de uso de uma mercadoria refere-se à sua utilidade, particularidade e qualidade. Já o valor de troca diz respeito ao valor, quantidade e substância comum a todas as mercadorias - tempo de trabalho humano indiferenciado. O trabalho concreto é um pressuposto da relação mercantil, pois ele garante a satisfação de necessidades diversas, mas, é pelo trabalho abstrato, ou seja, pela mediação da troca que o valor de uso se realiza. Essas duas dimensões do trabalho constituem um processo em movimento, uma unidade do processo de produção<sup>6</sup> de mercadorias na sociedade do capital (MARX, 2017a).

Nessa discussão torna-se fundamental a compreensão adequada acerca das relações sociais de produção e reprodução que sustentam a sociabilidade capitalista, ancoradas na determinação do assalariamento.

Marx (2009, p.250) nos fala o seguinte sobre as relações sociais no capitalismo: “[...] Os homens, ao desenvolverem as suas faculdades produtivas, isto é, vivendo, desenvolvem certas relações entre si, e [...] o modo destas relações muda necessariamente com a modificação e o desenvolvimento daquelas faculdades produtivas”. Vejamos, então, a forma de relação social e produtiva estabelecida pelo capital.

À sociabilidade do capital não basta haver um resultado, um produto útil que atenda necessidades. O sistema não sobrevive apenas com isso. Manter a exploração da força de trabalho alheia impedindo qualquer sentido emancipatório é o objetivo precípua do capital. Ele precisa gerar sua riqueza com base nessa exploração, regada de alienação, como veremos adiante.

Sabemos que não são apenas as condições objetivas que se configuram enquanto resultado do processo de produção, mas também e, especialmente, o caráter social produzido, as relações de produção e reprodução do capital (MARX, 2004a). Estas sim garantem a permanência e continuidade do sistema.

Iamamoto (2005) analisa as relações sociais através das quais o processo de produção capitalista (processo de trabalho e processo de valorização) se realiza e

---

6 Processo de trabalho e processo de valorização constituem dimensões do processo de produção, são processos em movimento, uma unidade do processo de produção de mercadorias sob a órbita do capital. O processo de trabalho está ligado ao valor de uso e o processo de valorização ao valor de troca, ou seja, ao tempo de trabalho socialmente necessário (MARX, 2017a).

destaca seu resultado imediato, qual seja: a produção e reprodução das relações sociais, o que inclui suas antíteses e contradições. A autora demarca que a reprodução das relações sociais engloba tanto a reprodução material (a força de trabalho e os meios objetivos de produção) quanto a reprodução espiritual (as formas de consciência social, as formas culturais).

Contraditoriamente, neste processo o trabalhador cria os próprios meios de sua dominação e o capitalista os próprios meios de colapso do sistema. O resultado é justamente o processo de produção e reprodução de classes sociais e de seus antagonismos, ou seja, a reprodução da riqueza, da pobreza e dos antagonismos das relações entre as classes sociais, o que se expressa na luta de classes (IAMAMOTO, 2005).

O modo especificamente capitalista de produção refere-se a uma relação coerciva de extração de sobretrabalho (o que gera o mais-valor) para além do prolongamento do tempo ou jornada de trabalho, ou seja, não se restringe à mais-valia absoluta. Estamos falando da produção da mais-valia relativa, que se vale da incorporação da ciência e tecnologia para extração de sobretrabalho<sup>7</sup> e se configura como a expressão da subsunção real do trabalho ao capital (MARX, 2004a).

Considerando que o resultado almejado pela produção capitalista é a mais-valia<sup>8</sup>, depreende-se que é produtivo aquele trabalho que diretamente produz mais-valor, ou seja, só o trabalho que seja consumido diretamente no processo de produção com vistas à valorização do capital (MARX, 2004a). Entendemos com isso que, para o modo de produção especificamente capitalista não basta haver um produto ou mercadoria útil fruto do processo de trabalho, é preciso que essa mercadoria entre no circuito direto de valorização do capital e, atualmente, diversos são os processos de trabalho que contribuem para o funcionamento desse circuito.

Portanto, trabalhador produtivo é aquele que valoriza diretamente o capital, que emprega sua força de trabalho diretamente na produção de mais-valia, sendo

---

7 As formas de extração de mais-valia relativa, assim como a parte alíquota correspondente ao mais-valor, mudam de acordo com as alterações nas forças produtivas e na produtividade do trabalho. Portanto, sempre deve haver uma análise criteriosa das determinações estruturais e conjunturais da exploração do trabalho pelo capital. Marx aprofunda essa discussão nos Grundrisse (2011) e no Livro III do Capital (2017b). Além disso, não se trata de uma incorporação indiscriminada da ciência e tecnologia, há uma relação muito bem determinada por Marx.

8 Já que é da mais-valia que o capitalista retira seu lucro e gera seu enriquecimento.

esta o produto por excelência do modo de produção capitalista (MARX, 2004a, p.108). Estamos falando do acréscimo de trabalho não pago nas mercadorias produzidas, fonte da “autovalorização” do capital.

“O trabalho é produtivo (...) graças à diferença entre o valor da capacidade de trabalho e a valorização desta” (MARX, 2004a, p. 129), ou seja, é a diferença entre o valor gasto com o salário do trabalhador e o valor que este trabalhador criou com sua atividade no processo de produção, através da valorização das mercadorias produzidas, que irá gerar capital para o empregador. O trabalho produtivo se objetiva em mercadorias que são uma unidade de valor de uso e valor de troca.

Essa valorização do capital - a mais-valia- se realiza sem equivalente para o trabalhador, o que significa uma criação de valor excedente pelo trabalhador para o capitalista, como já dissemos antes. O aumento do capital e da riqueza acumulada cresce perante o trabalhador como riqueza alheia, ao mesmo tempo em que desenvolve sua pobreza, indigência e sujeição (MARX, 2004a). O capital por si só já supõe, deste modo, a alienação como base das relações sociais desse sistema.

A estrutura econômica está no centro desta sociedade e uma categoria imprescindível para o entendimento da realidade é a alienação<sup>9</sup>, inerente ao capitalismo. Vamos, portanto, entender melhor as determinações concretas da alienação.

Pode-se dizer que ela se relaciona à forma como os homens trabalham. Netto (1981) salienta que quando há a apropriação privada do excedente econômico (via trabalho não pago) estão dadas as condições para a emergência da alienação. Essa é o “processo pelo qual os sujeitos se desapossam de si e da sua atividade criadora na medida em que não conseguem captar as mediações sociais que os vinculam à vida social em seu conjunto e dinamismo” (ibid., p.74).

As relações sociais capitalistas aparecem sob a forma de coisas, em que o valor se cristaliza na forma de um atributo da coisa produzida, encobrendo as relações sociais de produção entre pessoas. A alienação é a relação social que se faz coisa no produto do trabalho. Assim, ao trabalhador, não está posta a

---

<sup>9</sup> Categoria esta aprofundada nos estudos marxistas sobre a economia política burguesa, em especial, em sua obra “Manuscritos econômicos-filosóficos”. Vale destacar que existem outros tipos de alienação, como: alienação ideológica, religiosa, política, dentre outras.

compreensão imediata das relações sociais capitalistas em sua totalidade (reais), o que impede a visualização do valor e mais-valor produzidos por ele próprio<sup>10</sup>. O trabalhador não consegue captar que todo o lucro capitalista advém de sua exploração no ato de trabalhar.

O desenvolvimento modo de produção capitalista impõe contornos específicos ao fenômeno da alienação, que passa a regular as relações de produção e sociais.

[...] nesta sociedade, a autonomia dos indivíduos é puramente ilusória, eles estão subordinados a mecanismos e processos que não controlam e sequer reconhecem como oriundos das suas próprias relações [...] Através do conceito da alienação, o que Marx aponta é a cisão operada entre o indivíduo, que se toma a si mesmo como unidade autonomizada e atomizada, e a coletividade, que é percebida como uma natureza estranha - a alienação conota exatamente esta fratura, este estranhamento, esta despossessão individual das forças sociais que são atribuídas a objetos exteriores nos quais o sujeito não se reconhece. (NETTO, 1981, p.69).

Marx ao analisar o fenômeno da alienação, do ponto de vista econômico, a partir da ação concreta do trabalho humano, identifica a interferência direta na formação do ser social. Há, portanto, uma relação intrínseca entre alienação e trabalho, que no capitalismo assume a forma de trabalho alienado, fazendo com que a objetivação surja como um processo de alienação. Assim, a alienação é uma forma específica de objetivação, sendo essa última a forma do ser genérico estar no mundo: “enquanto ser prático e social, o homem só se mantém como tal pelas suas objetivações, pelo conjunto das suas ações, pela sua atividade prática (ibid., p.56).

O fenômeno da alienação provoca o estranhamento do homem com a natureza, com o outro homem e consigo mesmo. A matriz da alienação consiste em que o trabalhador se vê diante do produto do seu trabalho como numa relação com um objeto autônomo, pois, conforme Netto (1981, p. 57),

no trabalho alienado, o trabalhador não se realiza e não se reconhece no seu próprio produto; inversamente, o que ocorre é que a realização do trabalho, a produção, implica a sua perdição, a sua despossessão: o produto do trabalho se lhe aparece como algo alheio, autônomo.

O trabalho alienado, portanto, imprime uma tríplice alienação para o

---

10 Quando afirmamos que “o trabalhador não compreende” não o estamos responsabilizando por isso, mas revelando a determinação social objetiva que oculta os fios condutores da realidade.

trabalhador: a do produto do trabalho (alienação do objeto), das condições do trabalho (relações com a propriedade privada) e a da própria atividade do trabalho (alienação de si). Há uma falta de consciência sobre sua própria atividade de trabalho e o resultado dela.

Entretanto, o trabalho é considerado a determinação ontológica fundamental da existência do homem e da humanidade. É através dele que o homem se torna efetivamente homem e humaniza a natureza a partir da transformação desta, da qual se distingue. Neste sentido, o trabalho torna-se uma relação essencial na relação do homem com o objeto (a natureza), com os outros homens e consigo mesmo. É também pelo trabalho que o homem se distingue dos animais, por produzir valores de uso para satisfação de suas necessidades num ato teleológico, através do qual reproduz o que é projetado mentalmente. É a partir da produção (e satisfação) das necessidades que o homem se relaciona com a natureza e com os outros homens. Para Marx (2017a), o trabalho, em sua forma útil, é uma condição de existência do homem, uma necessidade de mediação do metabolismo entre homem e natureza.

A partir do reconhecimento do trabalho humano e de que atuamos a partir de histórias passadas, ou seja, de trabalho humano acumulado, o homem se reconhece como ser genérico, como parte do gênero humano. Marx (2004b) destaca ainda a dimensão do trabalho enquanto práxis fundamental dos homens, ação criativa através da qual o homem cria e transforma seu mundo e a si mesmo. O trabalho é a primeira ação que o homem utiliza para objetivar sua subjetividade.

Para Marx, por conseguinte, é por meio do trabalho que o homem alcança (pode alcançar) sua essência, contudo, ao analisar a sociedade burguesa ele se depara com o trabalho em sua forma negativa, a partir do trabalho alienado. Por ser a determinação ontológica fundamental da humanidade, o trabalho a partir da forma como é apropriado e organizado pelo modo capitalista de produção constitui-se a base da alienação.

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz [...] se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadoria cria. [...]. Quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando, tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu

mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio (MARX, 2004b, p.80-81).

Conforme já dissemos, o resultado imediato do processo de produção capitalista é justamente a produção e reprodução das relações sociais, das contradições de classe e, nessa sociedade alienada, há uma inversão das relações sociais, onde o lugar de realização do ser social – o trabalho – se transmuta em “sacrifício da vida” (NETTO, 1981, p. 59).

O movimento de estranhamento proporcionado pelo trabalho alienado – em relação aos produtos de seu trabalho, à atividade produtiva, à genericidade humana e ao estranhamento do homem pelo próprio homem – resulta na dominação do homem sobre outro homem, ou melhor, do capitalista sobre o trabalhador, pertencendo ao primeiro o uso da força de trabalho e seus resultados (MARX, 2004b). O capitalismo, deste modo, além de generalizar, se beneficia da alienação para sua acumulação de riqueza.

Marx (2004b) indica ser necessário compreender o nexos existente no sistema de alienação que envolve a propriedade privada, a divisão do trabalho, a troca e a concorrência, entre outros. Qualquer tentativa de superar a alienação supõe a superação da forma alienada assumida pelo trabalho nesta forma de organização da sociedade. Portanto, a superação da alienação pressupõe a superação do modo de produção capitalista e, também disso, se deduz que, independentemente das transformações nas configurações do trabalho, ele continua sendo peça fundamental para esse sistema.

Marx (2004b) afirma estar na propriedade privada a sustentação do conceito de trabalho alienado<sup>11</sup>, considerando-a como um produto do trabalho alienado, mas ao mesmo tempo, o meio pelo qual o trabalho se aliena, o meio pelo qual a alienação é consumada. É a partir dela que se define o lugar do indivíduo no processo produtivo, entre os proprietários e os não-proprietários, empregadores e empregados, estabelecendo uma sociedade de classes com interesses distintos e conflitantes.

---

11 Essa ênfase na propriedade privada é dada no texto dos Manuscritos econômico-filosóficos. Já na obra posterior, O Capital, Marx coloca a propriedade privada como expressão jurídica da forma concreta da interação econômica, pois a evolução de seus estudos adensa as categorias capital e valor.

Pois bem, a partir dessa breve elucidação acerca da alienação<sup>12</sup> e suas determinações, inferimos que o trabalho na sociedade do capital se constitui, invariavelmente, como trabalho alienado, o que faz parte da engrenagem de exploração do capital e constitui o móvel da contradição/conflito de classes. Avancemos então para uma análise mais minuciosa da relação (alienada) entre trabalho e capital e suas determinações.

Na sociedade do capital, o trabalhador vende ao empregador sua capacidade ou força de trabalho para adquirir, em troca, os meios necessários para sua subsistência, por meio do salário<sup>13</sup>. O resultado disso para o trabalhador é meramente garantir a reprodução da sua capacidade de trabalho (sobreviver). Ele cede, em troca disso, sua atividade conservadora, criadora e acrescentadora de valor. Entra e sai neste processo, continuamente, do mesmo modo, possuindo apenas sua capacidade de trabalho. Já o capitalista não sai como entrou, sai com um mais-valor, garante sua produção e sua reprodução como capital (valorização). Mais do que isso, o capital produz cada vez mais uma massa de assalariados de que tem necessidade para gerar capital acrescido. A conservação e o aumento da capacidade de trabalho são necessários para a autovalorização do capital (MARX, 2004a).

Na relação capitalista de produção, “as condições objetivas de trabalho (meios de trabalho) e as condições subjetivas de trabalho (meios de subsistência)”, ambas sob poder do comprador da força de trabalho, se opõem ao trabalhador enquanto capital, como propriedade alheia. Isso é o fio condutor da relação (alienada) entre capital e trabalho assalariado. É o capitalista que consome a força de trabalho, garantindo sua continuidade e intensidade no processo de produção, portanto, ele exerce uma relação econômica de hegemonia e subordinação (MARX, 2004a, p. 94).

“A compra/venda da força de trabalho como resultado incessante do processo

---

12 Existem dois processos que se configuram como desdobramentos da alienação e que traduzem com mais fidelidade o capitalismo moderno: o fetichismo e a reificação, entendidos como a particularidade do fenômeno da alienação (NETTO,1981). Não abordaremos estas categorias neste texto.

13 O salário é o preço da força de trabalho, que por sua vez é a expressão monetária dos meios de subsistência. Esse preço varia de acordo com as condições históricas, região, clima etc (MARX, 2017a).

de produção capitalista implica que o operário tenha que readquirir constantemente uma parte do seu próprio produto em troca do seu trabalho vivo”. Marx explica que o trabalho assalariado é essencial, é uma “mediação da relação capitalista de produção que é constantemente produzida de novo por essa própria relação” (ibid., p. 136-137).

O trabalho assalariado<sup>14</sup> é condição necessária para a formação de capital, constituindo-se uma premissa para a produção capitalista<sup>15</sup>, ou seja, o trabalho assalariado é uma forma absolutizada na produção capitalista - assim como a produção dos produtos como mercadorias: “(...) com o desenvolvimento da produção capitalista todos os serviços se transformam em trabalho assalariado e todos os seus executantes em assalariados (...)” (MARX, 2004a, p. 112).

O trabalho assalariado é, pois, para a produção capitalista, uma forma socialmente necessária do trabalho, assim como o capital, valor elevado a uma potência, é uma forma necessária que devem adotar as condições objetivas do trabalho para que este último seja trabalho assalariado. De modo que o trabalho assalariado constitui uma condição necessária para a formação de capital e se mantém como premissa necessária e permanente da produção capitalista. (ibid., p. 73).

A gênese do capital está no processo de formação de capital por meio da compra/venda da força de trabalho, onde essa é consumida pelos meios de produção para sua autoconservação e sua autovalorização. A formação de capital supõe, então, um consumo produtivo da força de trabalho assalariada (MARX, 2004a).

O processo de trabalho é subordinado ao capital, ou seja, o capitalista comanda, vela, dirige e vigia o trabalhador, para que o mínimo de capital seja suficientemente grande para ocupar constantemente o trabalhador. Indo além, o capitalista força o trabalhador a prolongar a duração do processo de trabalho para além dos limites do tempo de trabalho socialmente necessário<sup>16</sup> para a reprodução

---

14 Por trabalho assalariado devemos compreender justamente essa relação de compra e venda da força de trabalho em troca de salário, podendo ou não gerar mais-valia, a depender de seu consumo produtivo ou improdutivo.

15 Se o trabalho assalariado é uma condição para a produção capitalista e se esse mesmo trabalho se desenvolve sob o jugo da alienação, temos que essa também se constitui em uma premissa para o capital.

16 O trabalho privado/particular é uma forma de manifestação do trabalho social. Tempo de trabalho socialmente necessário é o conjunto da força de trabalho de determinada sociedade, é uma determinação social do valor, não material, e ele varia no tempo e no espaço (MARX, 2017a). Há aqui uma nítida prevalência da totalidade sobre a singularidade.

do salário. O excedente gerado proporciona a mais-valia (trabalho não pago). Assim, o trabalho entra no processo de produção como substância criadora de valor, como trabalho social geral que se objetiva (MARX, 2004a).

Conforme já explicamos, no mercado de trabalho o capitalista e o trabalhador assumem papéis de comprador e vendedor da força de trabalho, respectivamente, onde o comprador – por meio do dinheiro pago em forma de salário – adquire a capacidade de trabalho do vendedor. A capacidade ou força de trabalho é a mercadoria em questão e nesta transação (que ocorre na esfera da circulação) há sempre presente o elemento do antagonismo, da contradição, da alienação. O capitalista ao comprar a força de trabalho adquire o direito de consumi-la como mercadoria durante um determinado tempo do dia.

O trabalhador despense uma quantidade de trabalho diária maior do que aquela necessária para pagar o seu salário, o que gera um sobretrabalho apropriado pelo capitalista. Esse sobretrabalho define a taxa de mais-valia, calculada a partir da proporção entre a parte da jornada de trabalho necessária para reproduzir o valor da força de trabalho (capital variável) e o excedente de tempo ou sobretrabalho (mais-valia). O trabalhador, portanto, repõe o seu salário e acresce tempo de trabalho apropriado gratuitamente pelo capitalista. Esta é a fonte do mais-valor e, por sua vez, do lucro obtido com a venda das mercadorias (ibid.).

A jornada de trabalho, portanto, divide-se em tempo de trabalho necessário e tempo de trabalho excedente. A sua magnitude é variável, justamente pela variação do valor dos meios de subsistência e, principalmente, pela duração do tempo de trabalho excedente. A fronteira da jornada de trabalho depende de elementos e limites físicos, sociais e morais. Além disso, vale lembrar que o capitalista busca extrair o máximo que puder de trabalho excedente, o que levou a regulamentação da jornada de trabalho, ao longo da história do capitalismo, a se transformar em “luta pela limitação da jornada de trabalho, um embate que se trava entre a classe capitalista e a classe trabalhadora”<sup>17</sup> (MARX, 2017a, p. 273).

No sistema de trabalho assalariado o valor da força de trabalho é determinado

---

17 A luta em torno dos direitos trabalhistas é constante e contemporânea, incluindo a delimitação das jornadas de trabalho. São direitos e conquistas dos trabalhadores frequentemente atacados pelos capitalistas.

como o de qualquer outra mercadoria (tempo de trabalho necessário para produzi-la), ou seja, pelos meios necessários para sua produção, desenvolvimento, conservação e perpetuação (subsistência). Torna-se importante dizer que há diferentes custos de produção para forças de trabalho de diferentes qualidades, o que impede a igualdade de salários para todos os trabalhadores. Lembremos que a remuneração da força de trabalho (salário) e a quantidade de trabalho (despendida) são coisas diferentes (MARX, 1982).

Não podemos confundir o valor ou preço da força de trabalho (salário) com o valor produzido pela força de trabalho, pois apenas uma parte do trabalho diário (da jornada de trabalho) é paga ao trabalhador, a outra parte gera a mais-valia, substância do lucro capitalista. Essa demarcação é importante para não parecer que toda a força de trabalho despendida diariamente é devidamente paga ao trabalhador (ibid.).

Elucidamos, pontualmente, a formação da mais-valia pela mediação do trabalho assalariado e, um próximo passo, seria a elucidação da forma concreta com que o capitalista se apropria dessa mais-valia e realiza seu lucro, porém, isso não será desenvolvido aqui pela limitação de espaço. É importante sinalizar que o lucro advém do fato de que o capitalista possui para vender algo pelo qual não pagou [trabalho não pago] e ele se origina da mais-valia. O lucro, em geral, não coincide com a mais-valia, ambos possuem determinações particulares.

Vimos, então, que existe uma relação orgânica particular entre o capital variável e o movimento do capital total e sua valorização, assim como sua diferença com o capital constante. Já o capital constante só é importante para a criação de valor devido ao valor que já possui (o valor repassado no consumo da força de trabalho). Marx demonstra a centralidade do capital variável - do trabalho - na criação de valor. Vejamos essa sentença:

Totalmente distinto é o que ocorre com o capital variável. Nesse caso, o que importa não é o valor que ele possui, o trabalho que nele está objetivado, mas sim esse valor como mero índice do trabalho total que ele põe em movimento e que não está expresso nele; o trabalho total, cuja diferença em relação ao trabalho nele mesmo expresso e, por conseguinte, pago, cuja parte criadora de mais-valor é tanto maior quanto menor é o trabalho nele mesmo contido. (MARX, 2017b, p. 78).

Fica evidenciado, portanto, que o valor produzido pelo trabalhador, a quantidade de trabalho total, é a fonte do valor a ser “dividido” entre salários e lucros. Quanto mais uma das partes receber, menos a outra receberá. Logo, se os salários baixam, os lucros aumentam; se os salários aumentam, os lucros baixam<sup>18</sup>. Assim, o aumento de salários não altera o valor da mercadoria, apenas diminui a taxa de lucro do capitalista<sup>19</sup>. O valor da mercadoria é determinado pela quantidade total de trabalho empregado nela (pago e não pago), mas isso não significa que os valores das diversas mercadorias sejam sempre os mesmos, já que dependem da força produtiva e não da extensão ou duração. O preço da mercadoria fabricada num determinado tempo de trabalho depende, portanto, da produtividade, da força produtiva empregada. Essa é a expressão da lei geral de que o valor de uma mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho nela aplicada e de que essa quantidade depende exclusivamente da força produtiva do trabalho empregada (MARX, 1982).

O capitalista leva o trabalhador, deste modo, a um esgotamento, ao consumir exaustivamente sua capacidade de trabalho com o objetivo de absorver a maior quantidade possível de trabalho excedente e assim realizar sua mais-valia.

Não é a conservação normal da força de trabalho que determina o limite da jornada de trabalho; ao contrário, é o maior dispêndio possível diário da força de trabalho, por mais prejudicial, violento e doloroso que seja, que determina o limite do tempo de descanso do trabalhador. O capital não se preocupa com a duração da vida da força de trabalho. Interessa-lhe exclusivamente o máximo de força de trabalho que pode ser posta em atividade. (MARX, 2017a, p. 307)

Essa exploração retira o sentido gratificante do trabalho e o torna um sacrifício. “O capital não tem [...] a menor consideração com a saúde e com a vida do trabalhador, a não ser quando a sociedade o compele a respeitá-las” (MARX, 2017a, p. 312). Essa exigência da sociedade se expressa pelas lutas e movimentos sociais em torno dos direitos trabalhistas.

18 Isso ocorre devido as variações entre tempo de trabalho necessário e excedente na jornada de trabalho.

19 No processo produtivo em funcionamento a força de trabalho surge como criadora de valor e produz o mais-valor, incorporado no valor da mercadoria (e não no seu preço de custo para o capitalista). O valor da mercadoria cresce ou decresce de acordo com o aumento ou diminuição do preço dos meios de produção (capital constante). Porém, a variação no valor do capital variável não altera o valor da mercadoria, mas modifica a proporção do capital variável (entre o preço da força de trabalho e o mais-valor) (MARX, 2017b).

Considerando toda a construção analítica exposta por Marx, sabemos, portanto, que o capital variável (força de trabalho) além de conservar e reproduzir o valor do capital adiantado possui a capacidade de o aumentar, por meio da criação da mais-valia, transformando, aparentemente, este capital em 'valor que se valoriza a si mesmo'<sup>20</sup> (MARX, 2004a).

Uma importante reflexão sobre o processo de produção capitalista (e, portanto, das relações sociais capitalistas) refere-se ao fato de que é o trabalhador coletivo que se converte no agente real do processo de trabalho e processo de valorização. Trata-se de uma capacidade de trabalho socialmente combinada, em que pouco importa a forma que cada trabalhador, individualmente, participa do processo de produção – trabalho manual direto, planejamento, gerenciamento etc. Com isso, há um grande leque de funções que passou a ser incorporado no conceito imediato de trabalho produtivo, em que esses trabalhadores são diretamente subordinados ao capital com fins de sua valorização.

Por meio desse processo complexo revelado brevemente aqui é que se realiza a acumulação e centralização de riquezas no modo de produção capitalista, ao mesmo tempo em que é gerada a pobreza para os trabalhadores, configurando uma sociedade extremamente desigual. É o trabalhador quem produz a riqueza, mas não é ele quem se apropria dela. Vimos que as relações entre trabalho (assalariado) e mais-valia na sociedade do capital constituem processos imbricados, complexos, com diversos determinantes e severas consequências sociais, contudo, tais relações não estão dadas a priori, são construídas cotidianamente e, por isso, não são imutáveis. Sabemos que são essas relações que conformam a sociabilidade capitalista contemporânea, essas relações embrionárias, mas regadas de elementos novos que são postos e repostos continuamente no avançar deste modo de produção<sup>21</sup>.

---

20 Mais uma vez aqui está evidenciada a relação de alienação, calcada no fetichismo da mercadoria, em que na aparência a própria mercadoria gera seu mais-valor, como se o capital gerasse mais dinheiro por si só, eliminando o papel do trabalhador (mais-valia) neste processo (MARX, 2017a). Entretanto, capital é trabalho objetivado, valor que se valoriza por meio do trabalho vivo, apesar de parecer que se autovaloriza sem a mediação do trabalhador. Sabemos que o valor é definido a partir de uma relação entre os homens, que fica oculta numa cobertura material. O caráter social do trabalho fica camuflado, ou seja, encobre-se o conjunto de trabalhos privados que formam o trabalho social médio (NETTO, 1981).

21 A título de esclarecimento, informamos que foram citadas diversas categorias no texto que são muito importantes para a teoria do valor-trabalho de Marx, porém, não foi possível desenvolvê-las pela limitação de espaço e objetivo (além de inúmeras outras não citadas).

### III) CONCLUSÃO

Considerando as reflexões aqui trazidas, percebemos a atualidade do estudo da teoria do valor-trabalho para o entendimento das relações sociais no capitalismo contemporâneo, em paralelo aos estudos que avancem para a consideração das particularidades atuais do sistema capitalista e da sociedade.

Marx nos ensinou que para conhecer o homem é preciso conhecer os modos de produzir e se relacionar na sociabilidade. Ao estudarmos as relações sociais de produção e reprodução capitalistas fica evidente a centralidade da categoria trabalho (assalariado) para compreensão do modo de ser dessa sociedade, de seus limites, riscos e potencialidades.

Lembremos que “o processo capitalista de produção não é meramente produção de mercadorias. É um processo que absorve trabalho não pago, que transforma os meios de produção em meios para sugar trabalho não pago” (MARX, 2004a, p. 115) e que, portanto, torna indispensável a manutenção da relação de subordinação e alienação dos trabalhadores em geral, empregados e desempregados. É a categoria trabalho assalariado que sustenta esse sistema.

Todavia, ainda que a relação trabalho e capital constitua uma relação alienada, Marx nos ensina que trabalho é alienação, mas também é potência e rebeldia. Ele nos ensina que a realidade é dinâmica e constantemente transformada. O conflito de classes abre possibilidades distintas e heterogêneas no contexto societário. Apesar de todo sacrifício imposto pela configuração do trabalho nesse sistema, não restam dúvidas do protagonismo da classe trabalhadora diante de qualquer transformação social, pois é ela que produz a riqueza social, logo, qualquer transformação nesse sistema depende desse sujeito em movimento.

Procuramos evidenciar neste texto a atualidade da teoria do valor-trabalho para as análises sobre as relações sociais capitalistas como, por exemplo, a contextualização sócio-histórica acerca das configurações do mundo do trabalho na contemporaneidade.

Marx nos apresentou o problema central a se considerar, além de demonstrar que as leis capitalistas são tendenciais e não definitivas. Desse modo, a partir das categorias marxianas precisamos pensar as categorias dos nossos dias, pois elas se modificam na realidade concreta.

### III) REFERÊNCIAS

IAMAMOTO, M. V. Proposta de Interpretação Histórico-Methodológica (Parte I). In: IAMAMOTO, M.V.; CARVALHO, R. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-methodológica**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**, livro 1, volume I, Tradução de Reginaldo Sant'Anna, 35ª ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017a.

\_\_\_\_\_. **O Capital: crítica da economia política**, livro III – O processo global da produção capitalista, Edição de Friedrich Engels, 1 ed., Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017b.

\_\_\_\_\_. **Grundrisse - Manuscritos econômicos de 1857-1858**. Esboços da crítica da economia política. São Paulo: Ed. Boitempo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

\_\_\_\_\_. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

\_\_\_\_\_. **Capítulo VI Inédito de O capital**, Tradução de Klaus Von Puchen, 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2004a.

\_\_\_\_\_. **Manuscritos Econômicos-Filosóficos**. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004b.

\_\_\_\_\_. **O Capital - Crítica da economia política: livro 1, volume II**, Tradução de Reginaldo Sant'Anna, 14ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

\_\_\_\_\_. **Para a crítica da economia política**. Salário, preço e lucro. O rendimento e suas fontes. A economia vulgar. Civita, 1982.

NETTO, J. P. **Capitalismo e Reificação**. São Paulo: Livraria Editora Ciências

Humanas, 1981.